



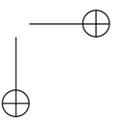
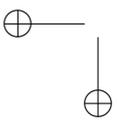
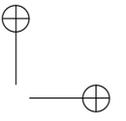
**A ARTE COMO
ABERTURA AO MUNDO**



J. M. Paulo Serra

2008

www.lusosofia.net





LUSOSOFIA:PRESS

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título: *A Arte como Abertura ao Mundo*

Autor: Joaquim Mateus Paulo Serra

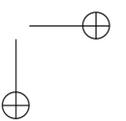
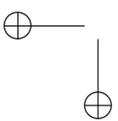
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

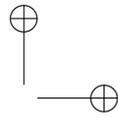
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. Silva Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008





A Arte como Abertura ao Mundo

J. M. Paulo Serra

Universidade da Beira Interior

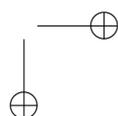
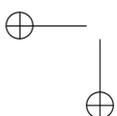
“A arte não serve para nada. A filosofia também não. Excepto como extensão da pessoa que se é, ou seja, do homem que se é.”¹

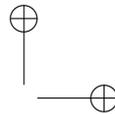
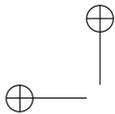
A arte e a filosofia não servem para nada. A religião, o amor, a amizade, a liberdade, também não. De facto, nenhuma das coisas mais importantes da nossa vida serve para nada. Mas porque haveria de “servir”? Pode o que é importante “servir”? Ou deve, pelo contrário, “ser servido”? É certo que vivemos um tempo em que o valor das coisas, das ideias, das próprias pessoas, tende a ser medido pela sua utilidade, pelo seu servir-para, pelo seu carácter de meios. De acordo com tal perspectiva, o mundo não é senão um grande conjunto de instrumentos, cada um dos quais com o seu valor de uso e de troca.

Esquecemos, com frequência, que das ruínas dos impérios e das cidades, pouca coisa permanece na história. Apenas aquilo que para nada serve, que menos útil é: uma pirâmide, um templo, uma escultura, um poema, um mito, uma divindade, uma filosofia...

A prova da importância da arte revela-se, claramente, no facto de esta acompanhar o homem desde as cavernas do Paleolítico, em

¹Vergílio Ferreira, *Pensar*, Bertrand, Lisboa, 1992, p. 672





todas as situações da sua vida: na caçada, na sepultura, no culto à divindade, na política, no trabalho, no lazer...

Omnipresente, a arte nunca exigiu, no entanto, direitos totalitários. O homem fez e faz a guerra por um território, por uma ideologia, mesmo por uma religião – mas nunca pela arte.

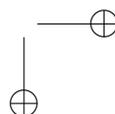
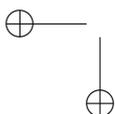
Há, para a origem e existência da arte, diversas explicações, qualquer delas com múltiplas variantes: sociológicas, psicológicas, metafísicas, religiosas... No entanto, cada uma dessas explicações dá-nos apenas a visão de um dos vários aspectos da arte; e, no seu conjunto, tais explicações acabam por não nos dar visão alguma, dado o seu carácter antagónico e exclusivo. Alheia às nossas explicações, a arte continua a sua existência persistente e misteriosa.

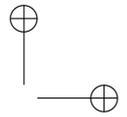
Referindo-se a esse mistério, diz Heidegger:

“A essência da arte, na qual repousam simultaneamente a obra de arte e o artista, é o pôr-em-obra-da-verdade. A partir da essência poetante da arte acontece que, no meio do ente, ela erige um espaço aberto, em cuja abertura tudo se mostra de outro modo que não o habitual.”²

Sendo uma coisa entre as coisas do mundo, a obra de arte não é, no entanto, uma coisa como as outras. As coisas são, como dissemos atrás, simples instrumentos, meios para determinados fins. A obra de arte é um fim em si mesma, vale por si própria. O facto de, em certas épocas históricas, ela poder ser (e ter sido) posta ao serviço de uma religião, de uma ideologia, de uma política, mesmo de um lucro, não altera este seu carácter essencial, que o passar do tempo vem a revelar. Na multiplicidade das utilizações possíveis da obra de arte se revela, mais uma vez, que o valor desta não reside numa qualquer utilidade.

² Martin Heidegger, *A Origem da Obra de Arte*, Edições 70, Lisboa, 1989, p. 58.





O valor da obra de arte reside, então, na sua abertura ao mundo – abertura que não é mera cópia, mas criação. Esta abertura deve ser entendida em dois sentidos essenciais:

- Por um lado, a obra de arte revela-se como um dar-a-ver (ou a sentir) um mundo novo, um modo não habitual do mundo habitual – um desvelamento e uma revelação de algo oculto na banalidade do labor quotidiano.

- Por outro lado, a obra de arte oferece-se à multiplicidade das significações e interpretações dos seus contempladores, aparecendo como uma espécie de “reserva” de sentido que, na sua obscuridade e ocultação, sempre resiste ao desvelamento e à revelação.

Nesta dupla abertura, que é também um fechamento, reside a capacidade de a arte pôr-em-obra-a-verdade, para utilizarmos a expressão de Heidegger. Como diz Novalis, a propósito da poesia:

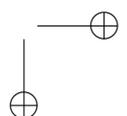
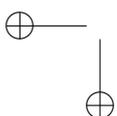
“A poesia é o autêntico real absoluto. Isto é o cerne da minha filosofia. Quanto mais poético, mais verdadeiro.”

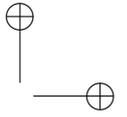
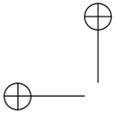
Assim se compreende o facto de a arte ter começado ligada ao culto, primeiro mágico e depois religioso. Desde os seus inícios, a arte aparece como uma mediação entre o homem e o sagrado, como uma relação com o oculto e o divino.

Este poder “sagrado” da arte aparece, aos próprios artistas, como um destino incontornável. O artista acha-se incumbido de uma tarefa mais alta que ele próprio, que deve realizar mesmo que tal o leve à sua auto-destruição. Como se, no criar a arte, o que menos importasse fosse o próprio criador, anulado perante a grandeza e a necessidade da sua criação.

De uma forma poética, Fernando Pessoa exprimiu esta ideia da seguinte forma, em alguns dos seus poemas:

*“Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim.*





*Pus a alma no nexo de perdê-la
E o meu princípio floresceu em Fim.”³*

*“Não meu, não meu é quanto escrevo,
A quem o devo?
De quem sou o arauto nado?
Porque, enganado,
Julguei ser meu o que era meu?
Que outro mo deu?”⁴*

A consciência do seu destino impede que haja artistas verdadeiramente felizes. O destino do artista vive-se na constante dilaceração entre conteúdo e forma, espírito e matéria, absoluto e relativo, ideal e realidade. Com alguma frequência – lembremo-nos dos casos de Mário Sá-Carneiro e Van Gogh, para só citarmos dois –, tal dilaceração acaba na loucura ou no suicídio.

³ Fernando Pessoa, *Poesia*, Ática, Lisboa, 1952, pp. 55/56.

⁴ Pessoa, *Ibidem*, pp. 152/153.

